



A tragédia em duas facetas

Mariângela Alves de Lima

No território da arte, no qual o imaginado e o possível se confundem, a hierarquia entre as etapas da criação se define apenas para ser desrespeitada. Cada novo receituário, por mais sensato na aparência, contraria o impulso para a liberdade criativa ou para a franca e deslavada desordem. De um modo geral, a marcha da vanguarda, não obstante o referente militarista, é um tropel de ritmo irregular e direção incerta. Para os atores, a dissolução das funções específicas outorga o direito de imaginar histórias, escrevê-las, organizá-las com signos espaciais e temporais e, ainda por cima, interpretar personagens.

Essa abertura vertiginosa, própria do teatro e explorada de modo intensivo, inclusive por artistas contemporâneos formados em outras linguagens (músicos, artistas plásticos, escritores), ameaça tornar-se recorrente e, por esse motivo, já incita rebeldias. As moças que conceberam o texto, a encenação e, por fim, atuam em *Rainha(s) – Duas atrizes em busca de um coração* estão trilhando uma vereda alternativa.

Em primeiro lugar, a livre recriação da peça *Mary Stuart*, de Friedrich Schiller, é um exercício de admiração pelo trabalho e, a julgar pelas citações, pela versão inspiradíssima de

Manuel Bandeira. O abandono de antigas competências, como as do dramaturgo, do diretor e do cenógrafo, pode ter ampliado o espaço do intérprete, mas há um repertório do passado em que cintilam, de modo singular e também como um patrimônio do teatro, personagens sedutoras e relações dialógicas ancoradas na linguagem literária. A admiração, contudo, é parte de um projeto cênico que não dispõe de instrumentos para submeter-se ao desígnio do texto e “revelá-lo”, como o faziam as grandes companhias estáveis do século passado. Intérpretes de hoje, como as atrizes-dramaturgas Georgette Fadel e Isabel Teixeira e a diretora Cibele Forjaz, fazem da aproximação dessa obra do passado o tema de sua dramaturgia. A ambição de realizar no palco o desígnio contido na literatura dramática supõe um modelo ideal de espetáculo e esta é uma crença que os dramaturgos do Romantismo ajudaram a demolir. A idéia mestra dessa recriação é, portanto, examinar os pontos de contato entre a experiência e a sensibilidade de artistas contemporâneos e a de criaturas imaginárias nascida no final do século XVIII.

Vivendo agora na cena desmistificada, sem o concurso do ilusionismo, mas também sem o apoio da cena italiana, que pode escon-

Mariângela Alves de Lima é Mariângela Alves de Lima é crítica e pesquisadora.

der a feitura e exibir apenas o valor de face da representação, as duas rainhas históricas (século XVI) impõem-se como figuras dignas de terror e piedade a partir de um mote oferecido pelo próprio Schiller: “Os ardis da razão sempre levaram o homem ao erro”. Sendo assim, é o conteúdo passional das argumentações, a busca do “coração”, entendido como motivo central, que orienta o desenho das personagens em cena. Duas atrizes que chegam envergando simbolicamente “a máscara de atriz” devem preparar-se em cena para o momento em que colocarão as máscaras das soberanas Stuart e Tudor.

Em alguns momentos do espetáculo, a idéia parece melhor que a solução. A aproximação reverente, lenta, quase uma invocação religiosa para que não se perca o momento teatral e para que se faça justiça à fonte de inspiração é pronunciada na linguagem contemporânea mesclada a poemas e citações da mitologia cênica e é, em geral, bonita e expressiva, impregnada de uma emotividade sem exagero. Os movimentos de apresentação e investidura solene das personagens reais estão em paralelismo com a alta poesia de Schiller. Há, no entanto, inserções coloquiais extraídas do cotidiano fictício de atores atribulados, correndo atrás da sobrevivência ou atrapalhados pelo trivial. Nesses trechos, certamente destinados a forjar uma ligação com o presente do espectador, as ironias aplicadas ao ofício e às agruras da vida urbana são banais

além da medida. Para um espetáculo que lida com poesia de diferentes épocas e cuja sobriedade, quando precisa informar o público, é de uma secura brechtiana, a intromissão de crônicas é uma ruptura estranha. No andamento privilegiado pela direção, em que se alternam grandezas próprias de duas épocas, o tempo agitado da representação naturalista parece um truque para retardar os acontecimentos realmente importantes. Além disso, o lirismo, a ênfase passional e a solenidade ritualística são os traços estilísticos que as atrizes dominam. Nenhuma das duas se sai bem quando os diálogos exigem inflexões irônicas.

Sendo, entre outras coisas, um exercício que põe à prova a potência dos recursos de hoje para formalizar o sublime, essa recriação de cenas da peça de Schiller funciona como um triunfo exemplar. Com um gesto preciso, a exibição de um vestido indica a instauração de um espaço imaginário e a transformação de personagens, um coração faz-se de quase nada e um utilitário transmuda-se em coroa real. Todas essas mutações são bem sucedidas porque enraizadas nessa nova crença fundada no reflexo das coisas, e não mais no sentido único. Diz a ama de Maria Stuart: “Enquanto a sua imagem ele puder rever, não cessará de esperar e de ousar”.

Crítica publicada em *O Estado de S. Paulo*, 29 de novembro de 2009, p. D4.